



ATIVIDADE EPISTEMOLÓGICA DA PRÁTICA DOCENTE: INICIANDO UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Ayra Lovisi
Ludmila Nunes Mourão

RESUMO

Nossa pesquisa teve como objetivo realizar uma aproximação com a produção sobre epistemologia na área da Educação Física, para assim analisarmos essas produções, principalmente, como vem sendo abordada a temática da epistemologia da prática pedagógica. Realizamos o levantamento das produções nos anais do Conbrace nos anos de 2009 e 2011. Neste período não encontramos nenhuma publicação referente à epistemologia da prática, buscamos assim embasamento na área de filosofia da educação e na atividade epistemológica. Após esse percurso teórico chegamos à atividade da prática docente que pode ser adotada enquanto método de análise e objeto de futuras pesquisas.

Palavras-chave: epistemologia; epistemologia da prática, saberes docentes, educação física.

INTRODUÇÃO

Iniciaremos este estudo apresentando o movimento de pensamento que possibilitou cunhar o termo: Atividade Epistemológica da Prática Docente. Tarefa árdua! Apresentaremos nossas reflexões e construções neste texto em quatro partes.

Na primeira, questionamos o que vem sendo discutido recentemente sobre epistemologia no campo da Educação Física, como essas pesquisas vêm sendo realizadas e, se as pesquisas estão abordando temas relacionados a epistemologia da prática pedagógica. Optamos por realizar, inicialmente uma análise da produção acadêmica da área. Para tal elegemos os Anais do COMBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) dos anos de 2009 e 2011, por entender que este reúne e debate parte significativa da produção sobre o tema no Grupo Trabalho Temático (GTT) denominado Epistemologia. Este grupo está presente no CBCE desde 1995, ano em que o CONBRACE subdividiu a discussão e apresentação dos trabalhos acadêmicos em grupos de trabalhos temáticos.

Na segunda parte, dialogaremos com a bibliografia específica, apresentaremos a origem do termo Epistemologia, e Epistemologia da Prática Docente no campo da filosofia da Educação.

¹ Este trabalho contou com apoio financeiro da CNPQ



Na terceira, seguindo o movimento, apresentaremos através de alguns textos de Paulo Evaldo Fensterseifer, o que ele denomina por *Atividade Epistemológica*, e qual o constructo teórico que possibilitou tal formulação.

Finalizando, na quarta parte, nossa tentativa de sintetizar este movimento teórico que possibilitou pensar na *Atividade Epistemológica da Prática Docente*, apresentando o seu significado e suas implicações para as pesquisas.

Iniciemos o Movimento...

AS PESQUISAS SOBRE EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao iniciarmos um diálogo sobre epistemologia no campo da Educação Física, fez-se necessário realizar um levantamento sobre a produção acadêmica recente relacionada ao tema epistemologia na Educação Física. Não somente para analisar as tendências das pesquisas, metodologias, referenciais teóricos, principais autores, entre outros; mas também, para encontramos as lacunas existentes, tentando questioná-las e assim, ampliar o debate e construir argumentos.

Os estudos sobre a produção do conhecimento surgem a partir da necessidade de analisar as principais abordagens metodológicas, opções paradigmáticas ou modos diversos de interpretar a realidade. Além disso, buscam diferentes maneiras de identificar a construção do objeto científico, formas de relacionar o sujeito e o objeto, ou de tratar o real, o concreto e o abstrato no processo de conhecimento, identificando os processos de cientificidade nos quais se fundamentam as pesquisas (SANCHES GAMBOA, 1996, p.58).

O levantamento proposto não teve a pretensão de analisar a produção epistemológica da Educação Física brasileira em toda sua abrangência, nossa intenção inicial foi estabelecer uma aproximação com o debate do tema. Para tanto, elegemos analisar os anais do CONBRACE dos anos de 2009 e 2011. O procedimento adotado foi o levantamento dos trabalhos publicados através do *site* do CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte)², e a leitura na íntegra dos artigos encontrados.

Foi encontrado um total de 45 trabalhos, sendo 23 publicações do ano de 2009, e 22 do ano de 2011. Ao analisarmos a produção, encontramos apenas um artigo de origem estrangeira - Argentina, sendo os demais nacionais. Ao se dividir por região, encontramos os seguintes resultados:

² Órgão responsável pela realização do CONBRACE, *site*: <http://www.cbce.org.br/>



Quadro 1: Produção por região

REGIÃO	PRODUÇÃO	% DA PRODUÇÃO
NORTE	0	0%
NORDESTE	12	27,27%
CENTRO-OESTE	4	9,09%
SUDESTE	10	22,72%
SUL	18	40,90%

Constatamos que as produções sobre epistemologia na Educação Física estão concentradas principalmente na região sul e região sudeste, somando 63,62% das pesquisas. A região nordeste com 27,27% despertou nossa atenção. A região norte, neste período, não apresentou nenhuma produção sobre o tema e a região centro-oeste apenas 9,09% da produção. O que pode ser explicado, em parte, pela concentração dos programas de pós-graduação em Educação Física nas regiões sudeste e sul do país.

Em relação ao tipo de autoria, individual ou coletiva, obteve-se uma variação de: mínimo de um autor e máximo de nove autores por artigo, como mostra a tabela abaixo:

Quadro 2: Autores por artigo

Nº de Autores	QUANTIDADE	% DE AUTORES
1 AUTOR	11	24,44%
2 AUTORES	21	46,66%
3 AUTORES	4	8,88%
4 AUTORES	3	6,66%
5 AUTORES	3	6,66%
>5 AUTORES	3	6,66%

A maioria das publicações foi produzida por um ou dois autores, sendo uma pequena parte produzida por grandes grupos (mais de cinco autores), apenas 6,66% dos artigos. Em nossa análise observamos que, as autorias coletivas, no geral, estão em pesquisas realizados com grandes bancos de dados (teses, dissertações, monografias, entre outros) demandando maior dispêndio de trabalho, podendo este ser agilizado quando realizado em grupo. Em relação ao tipo de autoria, o estudo de Corte e Ferreira Neto (2009, p.6), nota que os autores nas áreas de Ciências Humanas e Sociais privilegiam a individualidade na produção dos trabalhos, o que pode ser compreendido pelo esforço dos autores refletirem individualmente sobre os temas que cercam a Educação Física Brasileira.

Os autores que mais publicaram entre os anos de 2009 e 2011 nos anais COMBRACE no GTT – Epistemologia, conforme tabela 3 abaixo, são:

Quadro 3 – Autores que mais publicaram no período da pesquisa

Autor	Nº Publicações	Instituição
Paulo Evaldo Fensterseifer	3	Unijuí



Sílvio A. Sanchez Gamboa	2	Unicamp
Ricardo Rezer	2	Unochapecó
Selvino José Assmann	2	Ufsc
Micheli Silva Sacardo	2	Ufsc
Marcos Antônio C. Da Silva	2	Ufrj
Ivan Marcelo Gomes	2	Ufes
Felipe Ferreira Ghidetti	2	Ufes

Como nos mostram os dados, os cinco autores que mais publicaram na área de epistemologia nos anais do Conbrace de 2009 e 2011, se concentram na região sul do país, e atuam na área de Educação Física, com tradição na produção de artigos e livros sobre a epistemologia na/da Educação Física.

Em relação às abordagens epistemológicas, subdividimos baseados em Triviños (1987, p. 32), as pesquisas em três principais abordagens: abordagem positivista, abordagem da fenomenologia e abordagem materialista histórico dialético.

De acordo com as características apresentadas acima, encontramos os seguintes resultados, como podemos observar no quadro 4:

Quadro 4: Abordagem Epistemológica

ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS	QUANTIDADE	% POR ABORDAGEM
Positivista	3	6,66%
Fenomenológica	35	77,77%
Materialista histórica dialética	7	15,55%

Os resultados mostram uma tendência no uso da abordagem fenomenológica (77,77%) nas pesquisas sobre epistemologia, e um pequeno percentual com abordagem positivista e materialista. O que nos leva a pensar que as pesquisas nesta área estão levando em consideração os dados empíricos, mas, sobretudo a consciência, ou seja, as coisas, as imagens, as fantasias, os atos, as relações, os pensamentos, as memórias, os sentimentos, entre outros, que constituem as experiências da consciência. Verificamos que as pesquisas com características positivistas, são provenientes de análises dos bancos de dados, objeto de estudo em crescimento na área.

Ao analisarmos o número de autores referenciados nos artigos encontramos um total de 353 autores diferentes, e os mais citados foram:

Quadro 5: Referências Teóricas

AUTORES	Nº DE CITAÇÕES
BRACHT, Valter	13



SANCHEZ GAMBOA, Sílvia A.	9
FENSTERSEIFER, Paulo E.	8
SOARES, Carmen Lúcia	7
BETTI, Mauro	5
SILVA, Rosana Valéria S.	5

Nos resultados encontrados podemos perceber um número grande de autores citados nos textos, e os autores mais citados são pesquisadores da área de Educação Física, que tradicionalmente escrevem sobre epistemologia da Educação Física. Corroboramos com as evidências encontradas no estudo Corte e Ferreira Neto (2009, p.8), que ao analisarem a produção da Revista Brasileira de Ciências do Esporte entre os anos de 1974 a 2009, apontaram para uma crescente utilização de referências nacionais e da área de Educação Física nas pesquisas ligadas a área pedagógica. E ao compararmos os autores que mais publicam na área com os autores mais citados encontramos que Sílvia A. Sanchez Gamboa, Paulo Evaldo Fensterseifer e Valter Bracht que, com suas publicações, têm se tornado referência para os demais estudos.

As metodologias utilizadas nas pesquisas se apresentaram basicamente em três linhas:

Quadro 6: Metodologias

METODOLOGIAS	Nº DE PESQUISAS	% DE PESQUISAS
Bibliografia	37	82,22%
Análise documental	7	15,55%
Etnografia	1	2,22%

Podemos observar o alto grau de concentração das pesquisas do tipo bibliográfico nos estudos analisados. O que atribuímos ao crescente número de pesquisas que analisam o conhecimento da área, realizando uma revisão das publicações para levantar as contribuições para a área.

Em relação aos temas e objetivos abordados nos artigos, optamos por categorizá-los nos seguintes temas: a) Produção do conhecimento nas publicações: pesquisas com objetivo de investigar a produção do conhecimento de um tema ou termo específico nos periódicos (Educação Física Escolar; gênero, corpo, etc.); b) Produção do conhecimento nas pós-graduações: análise de determinado tema ou termo nas produções de dissertações e/ou teses; c) Produção do conhecimento na graduação: análise de determinado tema ou termo nos trabalhos de conclusão de curso; d) Currículos: pesquisas que se propõem a analisar os currículos da formação de professores; e) Análise de termos: pesquisas com o objetivo de investigar a origem, a utilização, a vertente filosófica sobre determinado tema ou termo; f) Discussão Epistemológica: pesquisas que analisam a epistemologia das pesquisas na



diferentes temáticas, de acordo com o objeto de pesquisa; g) Outros: temas que não se encaixaram nas categorias apresentadas anteriormente.

Encontramos os seguintes resultados:

Quadro 7: Categorização dos temas

CATEGORIAS	QUANTIDADE DE ARTIGOS	% DE ARTIGO
a) Produção do conhecimento nas publicações	12	26,66%
b) Produção do conhecimento na pós-graduação <i>stricto sensu</i> (dissertações e teses)	5	11,11%
c) Análise da produção do conhecimento na graduação (tcc)	1	2,22%
d) Currículo	1	2,22%
e) Análise de termos	15	33,33%
f) Discussão epistemológica	4	8,88%
g) Outros	7	15,55%

Encontramos uma tendência das pesquisas em estudar a produção do conhecimento da área, ao se somar a produção do conhecimento nas publicações da Educação Física, com os estudos voltados para a análise da produção na pós-graduação (produção de dissertações e teses), seguida da graduação com os Trabalhos de Conclusão de Curso, encontramos um total de 39,99% das pesquisas. O que vem a corroborar com o pensamento de Fensterseifer (2009, p.1) ao concluir que são esses conhecimentos que vão forjar a área de Educação Física e induzir a produção de novos conhecimentos, os legitimando.

Há ainda uma boa parte das pesquisas 33,33%, realizando discussões através de revisões bibliográficas de diferentes matizes teóricas, sobre alguns termos utilizados na área, como: o corpo como metáfora da cultura, os processos de governamentalidade, a teoria do movimentar-se humano, entre outros. E, 8,88% dos artigos, categorizados como discussões epistemológicas, por conter em seu título ou objetivo a definição da pesquisa como análise epistemológica.

Após a análise das publicações podemos concluir que as pesquisas encontradas entre os anos de 2009 e 2012, no GTT- epistemologia em sua maioria: se concentram na Região Sul e Sudeste do país, são produzidas por pequenos grupos (dois autores), utilizam a abordagem epistemológica baseada na fenomenologia, os autores mais citados são nacionais e pesquisadores da área de Educação Física, utilizam como metodologia a bibliografia e o tema de pesquisa em ascensão se relaciona às análises das produções da área.

Ao relacionarmos a pesquisa realizada nas publicações sobre epistemologia tínhamos



como objetivo, além da análise das produções, realizar um levantamento do que vem sendo produzido nessa área sobre a prática docente, epistemologia da prática ou saberes docentes, objeto de nossas análises nesse trabalho. Não encontramos nenhum estudo relacionado aos temas, apresentando-nos uma possível lacuna nesta área de investigação. Assim, buscamos embasamento teórico na filosofia da educação, como mostraremos a seguir.

ORIGEM DO TERMO EPISTEMOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA DOCENTE NO CAMPO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Dedicar-se a um exame conceitual de determinado termo parece, por vezes, ser uma questão menor. Mas, ao nosso olhar, os conceitos são elementos operadores de ideias, sendo assim, criam sentido e orientam a prática. Portanto, para dar continuidade ao movimento do pensamento, acreditamos ser necessário, apresentar a origem do termo *epistemologia da prática docente*.

O termo epistemologia da prática tem sido utilizado pelo campo de estudos da educação que toma o saber docente como objeto privilegiado de compreensão da sua identidade profissional. Procederam desse campo investigações que têm contribuído para avaliar práticas formativas, buscando compreender a ação dos docentes a partir de seu interior, ou seja, da situação concreta do ensino. Assim, entendemos por epistemologia da prática, a compreensão de saber que tome como referência a prática profissional efetiva.

Para entendermos a origem deste campo de investigação, iniciaremos pela compreensão da origem da palavra *epistemologia*. Apesar do problema do conhecimento fazer parte das questões da Filosofia desde os gregos antigos, o termo epistemologia começou a ocupar maior espaço na literatura filosófica apenas na modernidade. O termo encontrado anteriormente era *epistêmê*, ligado ao verbo *epistamai* que significa, em termos gerais, familiaridade com o assunto, habilidade, experiência; e é uma forma de conhecimento prático. Provavelmente foi formado pela conjugação de *epi* (preposição que significa sobre) e *histêmê*, que significa colocar em pé, erguer, fixar, colocar firme. Podemos concluir que este termo, *epistêmê*, traz a ideia de algo que sobre o quê se pode sustentar firmemente (MONTEIRO, 2006, p.2).

Segundo HEIDEGGER (1998, p.204)

O que diz *epistêmê*? O verbo que lhe corresponde é *epistasthai*, colocar-se diante de alguma coisa, ali permanecer e deparar-se, a fim de que ela se mostre em sua visão. *Epistasis* significa também permanecer-se diante de algo, dar atenção a alguma coisa.



Esse estar diante de algo numa permanência atenta, *epistêmê*, propicia e encerra em si o fato de nós nos tornarmos e sermos cientes daquilo diante do que assim nos colocamos. Sendo cientes podemos, portanto, entender para (*vorstehen*) a coisa em causa, diante da qual e na qual permanecemos na atenção. Poder entender para a coisa significa entender-se com ela. Traduzimos *epistêmê*, por: entender-se com-alguma-coisa (HEIDEGGER, 1998, p. 204).

Seguindo a compreensão da palavra epistemologia, como apresentado anteriormente, não encontramos a ocorrência do termo na literatura grega antiga, mas encontramos *epistêmê* e *logos*. Sobre *logos*, resumidamente, poderíamos dizer que o seu significado pode ser compreendido como: o que deve ser seguido, aquilo que-é com, está junto, faz parte. Assim, MONTEIRO (2006, p.4) conclui que

...a palavra *epistemologia* nos fala de um tipo de ciência, ou ainda de *con(s)ciência* acerca do modo como nos entendemos com-alguma-coisa, ou seja, o modo como a ouvimos; em uma palavra, o seu *logos*. Com isso quero dizer que há um *logos* a ser aprendido quando nos colocamos diante de algo com a intenção de nos entendermos com ele. E em nosso caso, queremos tudo isso em relação à prática docente. Mas já sabendo que isso depende de nossa escuta e do nosso esforço intelectual em nos entendermos com essa prática. Isso é mais que dizer como ela deve ser; está além de nossas prescrições técnicas ou teóricas. Diria que a *epistemologia* requer esse estar junto intencionalmente para entender-se com ela (MONTEIRO, 2006, p.4).

Na educação, não é possível precisar a origem da utilização do termo epistemologia, mas há indícios de que foram três as trilhas que conduziram o termo no debate na educação: a primeira, por leitores de Jean Piaget, principalmente pelo texto *Epistemologia Genética*; a segunda, por leitores de John Dewey, influenciados pelo movimento escolanovista; e a terceira por leitores de Álvaro Vieira Pinto³.

Já o termo epistemologia da prática tem sua raiz atribuída às discussões colocadas por Selma Garrido Pimenta no livro *Didática e Formação de Professores* (1997), quando coloca em cena a importância das discussões epistemológicas acerca da ciência da educação. Pimenta sustenta a sua argumentação baseada em Vieira Pinto, de tradição marxista, que entende que não se deve fazer ciência apenas pela ciência, mas que se deve fazer ciência com consciência, ou seja, o papel intrínseco da ciência deve ser o de aperfeiçoar as condições de vida do ser humano.

³ Importante filósofo brasileiro, em 1955 assumiu a chefia do Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos brasileiros (ISEB), autor de vários livros na área da Filosofia, entre eles “Textos de Filosofia Contemporânea” entre outros.



Também por influência do seu orientador de mestrado e doutorado, Dermeval Saviani, a autora acredita na produção de uma ciência da prática, no caso da educação, que tenha sentido na transformação social. Em 2000, a autora incorpora efetivamente o termo epistemologia da prática em seu trabalho intitulado “A pesquisa em didática – 1996 – 1999”. Neste texto indica a fertilidade do conceito para aprofundar as análises da prática em sala de aula, com suas importantes contribuições para a didática (IDEM).

Outro autor a utilizar o termo foi Donald Shön onde se refere à epistemologia da prática como modelo de conhecimento profissional, implantado em níveis institucionais no currículo e nos arranjos para a pesquisa e para a prática, entende-a enquanto modelo explicativo de formação para o trabalho profissional. Com base em estudos de caso, o autor afirma que é na reflexão, baseada nos problemas que surgem na prática cotidiana dos profissionais, que se produz uma base epistemológica. Neste sentido, a epistemologia da prática pode ser entendida tanto como um campo teórico-metodológico que procura explicar o modelo em que se situam as práticas, como os saberes e os sentidos por ela produzidos; ou seja, a racionalidade em que estão apoiados (THERRIEN E CARVALHO, 2009, p.132)

Outro precursor das pesquisas sobre epistemologia da prática é Maurice Tardif, que afirma “chamamos de epistemologia da prática profissional o estudo do conjunto de saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas” (TARDIF, 2011, p.255).

Por fim, podemos concluir que as pesquisas na área educacional utilizam o termo para evidenciar tanto os saberes que estão sendo produzidos na práxis docente, como qual a racionalidade destes, considerando o paradigma que o fundamenta. Da mesma forma, permite identificar as intencionalidades que permeiam à prática pedagógica e os processos de formação profissional. A epistemologia da prática enquanto campo sistemático de estudo desvela a relação que o professor estabelece com o objeto de aprendizagem, neste caso, são os saberes docentes, incidentes de certa racionalidade, que originam um processo educativo. Assim os termos epistemologia da prática e saberes docentes se tornam termos concludentes, inclusive na literatura. Assim, para se entender a epistemologia da prática é necessário desvelar os saberes docentes (THERRIEN E CARVALHO, 2009, p.134).

ATIVIDADE EPISTEMOLÓGICA

Sabemos que a epistemologia, conhecimento herdeiro da *epistêmê*, é hoje o



conhecimento considerado “científico”. E, como apresentamos na seção anterior, tem sua origem no conhecimento positivista. Mas, nos posicionamos tal qual Fensterseifer ao colocar que estamos vivendo a crise da razão na modernidade, e a crise anuncia que: *A Ciência morreu, Viva as Ciências!* (FENSTERSEIFER, 2006, p.88). Vamos tentar sucintamente entender a emersão *das Ciências* e a crise da razão.

Segundo o autor, utilizando-se de STEIN, ao analisarmos a corrente filosófica que tem como característica fundamental a ideia de razão (predominante na modernidade) percebemos que esta forma de análise não dá mais conta de incluir as diversas regiões fundamentais do saber e do convívio humano (nível cognitivo, de conhecimento, prático, moral, subjetivo, artístico, etc.), assim anuncia-se o fim da modernidade e a maneira de pensar presente nela (STEIN, 1991, apud FENSTERSEIFER, 1999, p.71).

Outro sinal da crise estaria na perda da “fé na ciência”, pois, acredita-se agora que ela não nos revela “verdades”, limitando-se a procura de certezas que lhe permitam eficácia. O próprio conceito de verdade desaparece das ciências. Mas o fator mais determinante da crise é a percepção da finitude do conhecimento, pois são vistos agora como finitos e dependentes das condições históricas exteriores (IDEM).

As ciências agora trazem consigo as certezas locais. A pretensão de unificação da razão clássica vai cedendo lugar a uma série de regiões autônomas e separadas, contribuindo para a fragmentação do real. É impossível continuar supondo que a ordem define, exclusivamente, os processos naturais e o destino do ser humano. É insustentável a concepção de uma natureza homogênea, uniforme, desprovida de singularidade e complexidade, orientada por leis causais simples e ordenadas. Os proscritos ‘desordem’, ‘degradação’, ‘desorganização’, e ‘acaso’ voltam à cena abalando o mito da ciência clássica e sua metafísica legitimadora. O objetivo da ciência não é mais “desvendar o segredo do mundo” (FENSTERSEIFER, 1999, p.59).

Há uma ruptura com a noção cartesiana de que a clareza e a distinção das ideias são um sinal da sua verdade, entram em crise as demarcações absolutas entre ciência/não ciência, entre sujeito/objeto. Há uma reintrodução do sujeito e o reconhecimento do caráter cultural e social dos conhecimentos científicos, onde não pode o objeto isolar-se do sujeito, que o penetra e o perturba ao mesmo passo que por ele é afetado e transformado.

Contudo, a complexidade do real e a diversidade humana necessitam de outras formas de racionalidade que não a ciência, ela é apenas uma. A partir daí falar-se de um “relativismo



epistemológico”, onde a ciência é um empreendimento que se reduz a um conjunto de práticas, nela não podendo haver verdade, pois não constitui um atributo da natureza universal do homem, e, sendo um fenômeno cultural enraizado socialmente, é relativo.

Resumidamente, apresentaremos alguns pressupostos que norteiam o pensamento dos idealistas do relativismo epistemológico (cientes que existem muitos outros): a) contra o método, propõe-se “o” um pluralismo metodológico; b) a ciência não é necessariamente superior às outras disciplinas; c) a simples utilização de um critério de cientificidade e de racionalidade é totalmente insuficiente para desqualificar os saberes não científicos; d) o objetivo é demolir o mito da razão e a ideia de objetividade; e) cada ponto de vista determina o real que investiga, cada jogo possui suas regras, não havendo exigências intelectuais, neutras e objetivas (IDEM).

Mas este relativismo não deve significar um “*samba do crioulo doido*”, onde vale tudo. Não deve significar a equivalência das opiniões ou ausência de objetividade no exercício efetivo das ciências. Ao contrário, como argumenta Paraíso (2012, p.25), em nossas metodologias temos, por um lado, algumas premissas e alguns pressupostos importantes que nos auxiliam a construir nossos caminhos e, por outro lado, alguns procedimentos gerais que nos possibilitam a abertura e a coragem necessárias para pesquisar em educação sem um método previamente definido a seguir; não desconsideramos o já produzido com outras teorias, com outros olhares, com outras abordagens sobre o objeto que escolhemos investigar, ocupamo-nos deles para interrogar e encontrar caminhos outros.

Prosseguindo, explica que o relativismo epistemológico explodiu as separações entre teoria e prática, entre o discurso e a “realidade”, entre conhecimento e saberes do senso comum, entre representação e realidade. Desconstruíram as oposições binárias que tantas hierarquias construíram entre as pessoas e as coisas do mundo e, conseqüentemente, os mais tipos de verdades que estão presentes nas imagens de pensamento já construídas sobre o nosso objeto de pesquisa.

Assim FENSTERSEIFER (2009, p.209) nos mostra que a atividade epistemológica, ao contrário da epistemologia que historicamente partiu da crença que o conhecimento se explica por uma lógica interna da(s) ciência(s), busca compreender a lógica de produção dos saberes das ciências nas inter-relações com o contexto em que se legitimam (ou não) estes saberes, mas persegue também uma melhor compreensão dos arranjos internos do saber científico que, na sua demanda por objetivações, esquece-se do não dito, ou seja, que toda pretensão de



verdade, como sabiam os gregos, vela ao desvelar. E nos mostram um bom exemplo disso, que é o reconhecimento de chegarmos a verdades diferentes nos movimentando em paradigmas diferentes ou com diferentes metodologias.

Nos dizeres do autor:

Cabe aqui lembrar Aristóteles que afirmava pensar uma ética para seres humanos (não para deuses ou animais), logo, as escolhas são produtos da deliberação (deuses e animais não escolhem porque já estão na verdade). Analogamente penso uma epistemologia (atividade epistemológica) para as ciências contemporâneas, não para a ciência. Seus critérios, portanto, não pressupõem um simples arranjo meios-fim (epistemologia como tribunal de uma ciência pura), mas contemplam o próprio estabelecimento de fins (que não são científicos) e a adequação dos procedimentos que, sempre, aproximadamente, busquem realizá-los no plano do conhecimento (a atividade epistemológica zela pela busca de coerência destes procedimentos) (FENSTERSEIFER, 2009a, p.3, grifos do autor).

Assim, a atividade epistemológica deve permitir capturar a dinâmica do denominado conhecimento científico em uma área em particular e em suas inter-relações. Este exercício crítico deve se fazer sem o objetivo de se constituir uma verdade com V maiúsculo, mas na interlocução dos atores envolvidos na produção dos saberes que por mais sólidos (interna e externamente legitimados) não podem ignorar que suas verdades possuem endereço ou fazem aniversário, isto é, são verdades pessoais e localizadas (FENSTERSEIFER, 2006).

Por fim, parafraseando Fensterseifer, com a queda desta “estrada real” para o conhecimento, guardada pelos epistemólogos de plantão, temos hoje o reconhecimento de que onde circula o conhecimento há construção de conhecimento, ao que a atividade epistemológica deve permanecer atenta, auscultando a riqueza desses processos, e levando em conta suas especificidades (FENSTERSEIFER, 2009a, p.4).

ATIVIDADE EPISTEMOLÓGICA DA PRÁTICA DOCENTE

Neste último item tentaremos sintetizar o movimento do pensamento que nos levou à opção de utilizar a *Atividade Epistemológica da Prática Docente* que utilizaremos como método e objeto de nossas pesquisas.

Na busca por compreender a produção dos saberes docentes dos professores de Educação Física em suas aulas, deve-se ter como premissa que *onde há saber há produção de saber*. Assim os professores de Educação Física em suas práticas pedagógicas são produtores de saber. Saber este que, historicamente não é reconhecido na área acadêmica, de origem positivista, que acredita na epistemologia enquanto produção de verdade, e que para se



produzir ciência é necessário ter métodos rígidos e passar pelo crivo dos especialistas.

Inicialmente, realizamos uma visita a produção acadêmica da área relacionada à epistemologia da Educação Física. Detectamos a escassez de pesquisas relacionadas aos saberes docentes dos professores de Educação Física. Em seguida, tentamos compreender através da literatura como os conceitos de epistemologia e epistemologia da prática emergiram no cenário acadêmico filosófico e educacional.

Por entender que a raiz histórica e filosófica da epistemologia não atendia nossos anseios, buscamos alguns pensadores para nos ajudar a refletir sobre como pensar na atualidade a epistemologia, e chegamos à conclusão junto a esses intelectuais que este movimento de pensamento seria uma atividade epistemológica.

Já é sabido por nós que os conhecimentos que sustentam o trabalho docente não são exclusivamente provenientes das chamadas ciências humanas e da educação, mas também são oriundos do senso comum. Como nos mostra TARDIF (2011, p.11):

No âmbito dos ofícios e das profissões, não creio que se possa falar do saber sem relacioná-lo com os condicionantes e com o contexto do trabalho: o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente. (TARDIF, 2011, p. 11, grifos do autor)

Assim, as soluções de caráter epistemológico e pedagógico dependem dos envolvidos no processo – os professores. Precisamos entender que uma prática educativa pode ser permanentemente questionada e reinventada por ser uma prática humana, portanto, histórico cultural. Se aceitarmos essas características para a prática educativa, mais facilmente vamos admitir que ela pode ser diferente, mas que precisa ser produzida na interação entre sujeitos que se identificam em uma comunidade de produção de saberes e conhecimentos (GADAMER, 2000 apud FENSTERSEIFER, 2009, p.4).

Por fim, ficamos felizes em saber que “*a ciência anda na boca de qualquer um*”, e que se faz necessário que os seres humanos conheçam a natureza do conhecimento que manipulam para não serem manipulados por ele. Assim, assume importância à atividade epistemológica, principalmente se considerarmos que o conhecimento não revela ou descobre uma realidade já posta, mas que ele constitui aquilo que tomamos como real. Logo, nossa tarefa não se encerra na pretensa concordância entre verdade e realidade (ou teoria e prática),



mas começa justamente pela interrogação das verdades que se apresentam como o real para nós (FENSTERSEIFER, 2009, p.5). E, na crença que somos produtores de saberes em nosso ato pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como premissa que os professores de Educação Física em suas práticas pedagógicas são produtores de saber, buscamos neste estudo realizar um movimento de pensamento que pudesse embasar e auxiliar nossas investigações sobre os saberes produzidos pelos docentes no seu fazer diário.

Ao analisarmos as produções da área constatamos a pouca veiculação das pesquisas com essa temática, e que as pesquisas sobre epistemologia na área da Educação Física se concentram na região sul e sudeste do país, onde também se concentram os cursos de pós-graduação *strictu sensu*. São produzidas por pequenos grupos, pois são construídas a partir da identidade teórica do pesquisador. Utilizam a abordagem fenomenológica por levarem em consideração a subjetividade nas pesquisas. E os autores mais referenciados nas pesquisas também aparecem como os que mais produzem na área, mostrando assim a relevância das pesquisas. E o tema mais abordado nas pesquisas está relacionado às análises das produções, e se mostra como tendência na área.

Na tentativa de compreender a produção dos saberes docentes dos professores de Educação Física em suas aulas, buscamos embasamento teórico na epistemologia da prática pedagógica. Por compreendemos que a epistemologia não pode mais ser sinônimo de verdade, por não existir uma única verdade, mas sim verdades, e que essas são localizadas e finitas; refletimos junto aos autores pós-estruturalistas a complementação do termo epistemologia da prática por atividade epistemológica da prática.

Por fim, neste trajeto reflexivo, consideramos que *atividade epistemológica da prática pedagógica* é a busca por entender de forma con(s)ciente com a lógica da produção dos saberes docentes, nas inter-relações com o contexto que legitimam (ou não) esses saberes, e compreender o que os constitui e como são constituídos pelos docentes. Que poderá ser utilizado como método ou objeto de futuras pesquisas sobre saberes docentes.



EPISTEMOLOGICAL PRACTICE TEACHING ACTIVITY: STARTING A DIALOGUE WITH PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Our research aimed to make an approach to the production of epistemology in the area of Physical Education, so look for these productions, especially as the issue has been dealt the epistemology of teaching practice. We conducted a survey of productions in the annals of Conbrace the years 2009 and 2011. In this period we find no publication concerning the epistemology of practice, so we seek grounding in philosophy of education and epistemological activity. After this theoretical route reached the activity of teaching practice that can be adopted as a method of analysis and the object of future research.

Keywords: epistemology, epistemology of practice, teaching knowledge, physical education.

PRÁCTICA EPISTEMOLÓGICA DE LA ACTIVIDAD DOCENTE: APERTURA DE DIÁLOGO CON LA EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Nuestra investigación tuvo como objetivo realizar una aproximación a la producción de la epistemología en el área de Educación Física, a fin de buscar estas producciones, sobre todo porque el tema se ha tratado la epistemología de la práctica docente. Llevamos a cabo un estudio de las producciones en los anales de Conbrace los años 2009 y 2011. En este período encontramos ninguna publicación sobre la epistemología de la práctica, por lo que buscamos a tierra en la filosofía de la educación y la actividad epistemológica. Después de este recorrido teórico llegó a la actividad de la práctica docente que puede ser adoptado como método de análisis y el objeto de la investigación futura.

Palabras clave: epistemología, la epistemología de la práctica, el conocimiento enseñanza, la educación física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTE, R.B., FERREIRA NETO, A. A produção do conhecimento na Revista Brasileira de Ciências do Esporte de 1979- 2004: entre o biológico e o pedagógico In Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – BA, setembro de 2009.

FENSTERSEIFER, P.E. Educação Física na Crise da Modernidade. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas: SP, 1999.

FENSTERSEIFER, P.E. Educação Física e Atividade Epistemológica: entre o dogmatismo e o relativismo. In Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – BA, setembro de 2009a.



FENSTERSEIFER, P.E. Epistemologia e Prática Pedagógica. In Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, vol. 30, n.3, p. 203-214, maio de 2009b.

HEIDEGGER, M. Lógica. A doutrina heraclítica do logos; In Heráclito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. Este texto foi um curso de Heidegger ministrado em 1944.

MONTEIRO, S. B. Considerações a cerca do Conceito de Epistemologia da Prática In Pesquiseduca, Santos, vol.1, n.1, p.57-66, jan-jun de 2009.

MONTEIRO, S.B. Epistemologia da Prática e Processos Formativos In Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB, ano II, vol. IV, p. 90-101, jul.-dez. de 2006.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas In MEYER, D. E., PARAÍSO, M. A.(Org.) Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PIMENTA, S. G. Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática; In Pedagogia, Ciência da Educação? (Org.) Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. Epistemologia da Pesquisa em Educação. Campinas: Práxis, 1996.

TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. 12ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

TERRIEN, J.; CARVALHO, A.D.F. O professor no trabalho: epistemologia da prática e ação/cognição situada – elementos para a análise da prática pedagógica In Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP, vol.1, n.1, p. 129-147, maio/2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.